

## **O sexual e a verdade do sujeito**

In: *A psicanálise na vida contemporânea*. Andrade, E; Freitas, V; Ceccarelli, P. (orgs). Bom Despacho: Literatura em cena, 193-204, 2019.

**Paulo Roberto Ceccarelli**

Se há uma descoberta freudiana que perturbou a história das ideias, é a da fantasia. Mais que o inconsciente. (Colóquio: Du surgissement à l'élaboration du fantasme. Paris, dez, 2018)

### **Introdução**

Como tive a oportunidade de mostrar em trabalhos anteriores, os discursos que regulamentam a sexualidade e suas práticas, sobretudo no ocidente, sempre foram prerrogativas da religião, do Estado, das elites dominantes, da medicina e, cada vez mais, do aparelho jurídico. Tais discursos, verdadeiros artefatos sociais que variam segundo o momento histórico, são apresentados como “verdades”, sejam elas baseadas em revelações divinas, interesses do estado, questões de saúde e razões morais (SALLES; CECCARELLI, 2010; CECCARELLI, 2013; CECCARELLI, 2017; CECCARELLI, 2019, no prelo).

Os “saberes” sobre o sexo determinam os desejos, ditam as práticas sexuais “normais”, e por extensão as “patológicas”, além de oferecerem “cura” às sexualidades desviantes. Com isso, criaram-se dispositivos de poder e de controle que gerenciam as regras referentes ao uso da libi-

do e dos prazeres do corpo, as quais passaram a ocupar um lugar central tanto na vida individual quanto na coletiva (Foucault, 1984, 1985).

## **O sexual e os discursos sobre sexualidade**

Os discursos sobre a sexualidade são tentativas, sempre malogradas, de deliberar sobre essa parte de mim, que eu desconheço, e que me guia (F. Pessoa): a alteridade interna, o sexual, o isso, aquilo que nos lembra que não somos senhores em nossa própria casa.

Se antes de Freud falava-se de um “poderoso instinto natural (Naturtrieb) que exige imperiosamente ser satisfeito para que a perenidade da raça humana seja garantida” (Von Krafft-Ebing, 1895, p. 5), com Freud o impulso (Trieb) deixa de ser natural, e não serve originalmente à reprodução, mas à obtenção de prazer em partes do corpo, além dos genitais: somos regidos por pulsões parciais (Partialtrieben), anárquicas e imprecisas (ANDRADE; CECCARELLI, 2018).

Nossa “vida sexual”, consciente, mas, sobretudo, inconsciente, é tributária de nossos processos identificatórios e nossas escolhas de objeto, protagonizados pela dinâmica edípica: trata-se das vicissitudes do sexual. O sexual é polimorfo, múltiplo e perverso; é o recalcado por excelência que faz retorno nas produções do inconsciente: fantasias, sonhos, devaneios, atos falhos e no estranho (Das Unheimlich). Quanto às pulsões, “entidades míticas, magníficas em sua imprecisão” (FREUD, 1933, p. 119), elas constituem o motor da vida psíquica, transformando, graças os seus representantes ideativos, o sexual psico-sexual. Nesta pers-

pectiva, a maneira como cada um vive as manifestações do sexual, dentro de suas particularidades singularidades próprias - de forma mais ou menos reprimida, com prazer, com culpa... - é construída desde os primeiros dias de vida, senão antes.

## **A verdade em Freud**

Em Freud a verdade é de importância fundamental. Freud interessa-se sobre a verdade da psicanálise, ou seja, a validade da psicanálise como teoria, e a verdade na psicanálise, isto é, sua eficácia clínica.

No trabalho psicanalítico, Freud tenta alcançar a verdade do sujeito, sem a qual uma modificação psíquica não poderia ser compreendida e, eventualmente, alterada (FREUD, 1914). Entretanto, em psicanálise não poderemos falar de verdade sem precisarmos sobre a realidade que a sustenta: a realidade factual ou a psíquica? Trata-se da verdade histórica ou material? Como essas verdades são construídas e como diferenciá-las?

Embora Freud buscasse, em um primeiro momento, a verdade material, a realidade factual para que uma mudança psíquica ocorresse, ao poucos ele é levado a abandonar a realidade material em prol da realidade psíquica, como testemunha a famosa carta a Fliess de 21/09/1897: “não acredito mais na minha neurótica” (MASSON, 1985/1986, p. 265). A partir daí, Freud abandona a concretude da cena para dizer que não importa se ela, de fato, ocorreu ou se foi fantasiada: a fantasia passa a ser igualada à realidade material (CECCARELLI; OLIVEIRA, 2015). Entretanto, Freud

vai ainda mais longe ao dizer que “as fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva” (FREUD, 1917, 430).

Freud percebe, então, que as fantasias, cujas fontes são as pulsões, constituem formações defensivas, tais como as amnésias e as lembranças encobridoras, para que a verdade material não seja alcançada. As fantasias passam a ter uma função dupla: uma defesa para barrar o acesso à uma verdade insuportável frente a qual uma defesa foi construída, mas, também, uma verdade imaginada, cujo retorno produz o sintoma (ABEL, 2011).

Contudo, por mais que Freud enfatize a realidade psíquica, na teoria ele mantém o peso da realidade material ao falar de “um acervo filogenético” através do qual “o indivíduo se contacta, além de sua própria experiência, com a experiência primeva naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi demasiado rudimentar” (FREUD, 1917, 433). Quando a verdade ontogenética falha, lança-se mão da filogenética:

Parece-me bem possível que todas as coisas que nos são relatadas hoje em dia, na análise, como fantasia — sedução de crianças, surgimento da excitação sexual por observar o coito dos pais, ameaça de castração (ou, então, a própria castração) - foram, em determinada época, ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana, e que as crianças, em suas fantasias, simplesmente preenchem os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica. Repetidamente

tenho sido levado a suspeitar que a psicologia das neuroses tem acumulada em si mais antiguidades da evolução humana do que qualquer outra fonte (FREUD, 1917, 433).

## **Fantasia e verdade histórica**

É no texto Leonardo da Vinci (1910) que o termo “verdade histórica” (*historische Wahrheit*) aparece pela primeira vez. Ali, Freud utiliza-se das relações entre a verdade histórica, realidade vivida, história individual, e história de um povo. Dai a importância de tratar com seriedade aquilo em que o analisando acredita lembrar:

o que alguém crê lembrar da infância não pode ser considerado com indiferença; como regra geral, os restos de recordações - que ele próprio [o analisando] não compreende - encobrem valiosos testemunhos dos traços mais importantes de seu desenvolvimento mental (FREUD, 1910, 78).

Aqui se encontram a verdade histórica e as marcas, o traço (*Züge*), que a experiência deixou e modificou nesta história (ABEL, 2011).

Para Freud, a verdade histórica é composta pela realidade material, pelos movimentos pulsionais que essa realidade evoca (desejos e fantasias), e pelas defesas contras esses desejos.

A partir do esquema proposto por Marcos Chedid Abel (ABEL, 2011), podemos assim esquematizar o pensamento freudiano:

- Verdade histórica: experiências da realidade material acrescida dos impulsos afetivos originais (fantasias de

desejo), assim como as defesas contra estes impulsos: fantasias de defesa, lembranças encobridoras, amnésias, dentre outras). A verdade histórica engloba a realidade material (ou verdade material), e realidade psíquica (fantasia), além de estar intimamente ligada com à equação etiológica das séries complementares (FREUD, 1917, 423).

- Verdade material: experiências de eventos da realidade material.
- Realidade psíquica (fantasias): composta pelas moções pulsionais acrescidas de distorções psíquicas devido às defesas.

Em *O homem Moisés e a religião monoteísta*, Freud (1938) distingue, de forma mais clara, a diferença entre verdade histórica e verdade material: “Nós também acreditamos que a solução piedosa [dos fiéis em relação à religião] contém a verdade - mas a verdade histórica, não a verdade material” (FREUD, 1938, 174).

A importância da verdade histórica é tão grande que, em análise, o sujeito “precisa voltar a recordar determinadas vivências e moções de afeto por elas desencadeadas, que atualmente estão sob o esquecimento” (FREUD, 1937, 366). Graças à combinação do material dos sonhos, da associação livre, do que é repetido, enfim, dos afetos “pertencentes ao recalcado”, o analista pode construir ou reconstruir a verdade histórica, altamente contaminada por fantasias e desejos, cujo alcance ultrapassa a realidade material.

Dito de outra forma: a verdade histórica que Freud procura no tratamento analítico é constituída pela soma

dos eventos da realidade material, acrescidas das fantasias carregadas de desejo da realidade psíquica, somadas às defesas contra os desejos que participam da construção dessa realidade. Aqui se constrói, apoiada no sexual, a verdade individual do sujeito produtora do mito individual do neurótico. Não por acaso, Lacan escreve no Seminário do livro IV: “a verdade tem, por assim dizer, uma estrutura de ficção” (LACAN, 1956-1957, p. 258-259)

### **Da verdade histórica à verdade do sujeito**

É justamente devido a verdade histórica que no texto *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos* (FREUD, 1906/1976), Freud, ao abordar a questão do crime, nos fala do desejo inconsciente de crime presente em todos nós, mas que pode adquirir contornos dramáticos no neurótico, quando ele se acusa, e se tortura, por crimes que não cometeu.

O desejo assassino na base da culpa do neurótico não é um desejo qualquer, mas um desejo de morte endereçado àquele(a) que lhe impõe limites à satisfação pulsional: que lhe interdita o acesso a seu objeto privilegiado de desejo: o objeto incestuoso. Tal como Édipo, o criminoso que ignorava que cometera um crime, o “crime” do neurótico tem um desejo erótico como leitmotiv: trata-se de um crime passional. O *pathos* - πάθος -, a paixão, na origem do crime passional deve ser entendida como um excesso que escapa ao controle do sujeito.

Ao trazer para a cena do crime a “outra cena”, a do inconsciente, Freud insiste sobre a importância da realidade

psíquica e da verdade histórica. A diferença entre a verdade do criminoso e da verdade histórica do neurótico é que, em ambos os casos, há um segredo, algo oculto. Todavia, “o criminoso conhece e oculta esse segredo, enquanto o histérico não conhece esse segredo, que está oculto para ele mesmo” (FREUD, 1906, 110).

Resumindo até aqui: de um lado temos o sexual, esse desconhecido que nos habita, sempre pronto a emergir lá onde menos se espera. E, do outro lado, a verdade que, como vimos, é uma verdade histórica que distorce o sexual para torna-lo aceitável. Como harmonizar essas duas dimensões? E, mais ainda, como não nos deixarmos influenciar pela desordem pulsional que esta configuração pulsional provoca em nós?

## **O sexual e a verdade do sujeito**

Por melhor que tenha sido a formação do psicanalista, ele não está imune ao retorno de moções sexuais recalçadas que o encontro com o outro produz, devido aos movimentos transferências e contratransferências que ele suscita. Trata-se de conteúdos carregados de culpa, devido às conexões incestuosas, que o sexual recalçado evoca, e à sexualidade reprimida (a palavra é repressão e não recalque) da qual nos fala Freud (1908) em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. Isso é, a interface entre a verdade histórica do sujeito e a do profissional.

Não raro, movido pela angústia que esse encontro provoca, o profissional reage de modo expeditivo, produzindo um diagnóstico, um laudo, enfim, algum posiciona-



mento, para fazer frente ao sentimento de estranheza (Das Unheimlich) que é evocado pelo retorno de “complexos infantis que haviam sido recalçados” (FREUD, 1919, p. 266) provocado pelo que ele escuta, e não pelo que ouve.

Os que trabalham no judiciário lidam com inúmeras dificuldades para produzir a “verdade” solicitada como, por exemplo, em caso de abuso sexual, incesto ou pedofilia: uma verdade material, objetiva, a ser confirmada ou contestada, pelo depoimento da criança, ou pela fala de seus responsáveis. Entretanto, que verdade se espera que o profissional produza? Como separar a verdade material da histórica nestes casos: lá, onde o direito espera a verdade factual, a psicanálise oferece a verdade história produtora de subjetividade.

Este impasse fica claro no excelente filme dinamarquês de 2012 *A caça*, do diretor Thomas Vinterberg, no qual a população de uma pequena cidade da Dinamarca é possuída pelo retorno do recalçado marcado por conteúdos incestuosos: a verdade histórica impera sobre a factual.

### **Considerações finais**

A verdade do sujeito, a que está na base da construção de seu mito individual, é inseparável do sexual que, como vimos, escapa a qualquer apreensão lógica: os processos secundários, utilizados na construção da verdade factual, jamais darão conta de expressar a realidade do primário, da sexualidade infantil, e das fantasias carregadas de moções pulsionais proibidas, assim como das defensas contra elas. O sexual é de tal forma perturbador que, muitas vezes, não se sabe o que fazer com ele.

Quando não se leva em conta retorno do recalco na compreensão do que ouvimos, corremos o risco de repetirmos posições reacionárias e moralistas, na tentativa de afastar, senão negar, nossa sexualidade perversa polimorfa, sempre pronta a emergir onde menos se espera, produzindo uma nova ordem repressiva.

### **Paulo Roberto Ceccarelli**

Psicólogo. Psicanalista. Doutor em Psicopatologia fundamental e Psicanálise - Paris 7 – Diderot. Pós-doutor por Paris 7 – Diderot. Chercheur associé da Universidade de Paris 7 – Diderot. Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Membro fundador da Rede Internacional em Psicopatologia Transcultural. Professor Adjunto IV da PUC-MG. Professor e orientador de pesquisas na Pós-Graduação em Psicologia/UFPA. Professor e orientador de pesquisas do Mestrado de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP, da Faculdade de Medicina da UFMG. Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Sócio Fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA). Membro da Société de Psychanalyse Freudienne - Paris – França. Pesquisador Associado do LIPIS (PUC-RJ). Membro do Programa Antártico Brasileiro. Diretor científico da CASM, Clínica Ampliada de Saúde Mental. (CASM: <https://casm.bhz.br>).

contato: paulorcbh@mac.com

Homepage: [www.ceccarelli.psc.br](http://www.ceccarelli.psc.br)

## Referências bibliográficas

ABEL, M.C. Verdade e fantasia em Freud. In: *Ágora*, RJ, v. XIV n. 1 jan/jun 2011, 47-60.

ANDRADE Ed.; CECCARELLI, Paulo R. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. In: *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 21(2), 229-250 jun. 2018. (<http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018V21N2P229.2>)

CECCARELLI, Paulo R. As leituras contemporâneas de gênero e suas repercussões nas organizações familiares. In: *Sexualidade e Gênero na psicanálise*. Instituto Sedes Sapientiae, no prelo

\_\_\_\_\_. Transexualidades e mudanças discursivas. In: *Estudos de Psicanálise* - Belo Horizonte, 47, 83-90, julho, 2017.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a sexualidade masculina. In: *Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, ano 35, 66, 83-92, dez., 2013.

\_\_\_\_\_. As leituras contemporâneas de gênero e suas repercussões nas organizações familiares. In: *Sexualidade e Gênero na psicanálise*. Instituto Sedes Sapientiae, no prelo

CECCARELLI, Paulo R.; COSTA SALLES, Ana C. A invenção da sexualidade. In: *Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, 22, 60, 15-24, set., 2010.

CECCARELLI, Paulo R.; COSTA OLIVEIRA, Gesse D. Realidade virtual x Realidade psíquica. In: *Estudos de Psicanálise* - Belo Horizonte, 44, 101-108, dez., 2015.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 6ª ed.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREUD, S. (1906) A psicanálise e a determinação de fatos psíquicos. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. IX.

\_\_\_\_\_. (1908). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. IX.

\_\_\_\_\_. (1914). Lembrar, repetir, perlaborar. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

\_\_\_\_\_. (1919). O estranho. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVII.

\_\_\_\_\_. (1914). Lembrar, repetir, perlaborar. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

\_\_\_\_\_. (1933). Ansiedade e vida pulsional: Conferência XXXII. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XXII.

\_\_\_\_\_. (1937). Construções em análise. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

\_\_\_\_\_. (1938). *O homem Moisés e a religião mono-teísta*. Porto Alegre: L&PM Editores, tradução de Renato Zwick, 2013.

LACAN J. (1956-1957). *O Seminário de Jacques Lacan, livro 4: As Relações de Objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MASSON, J. (Org.) (1985/1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.

VON KRAFFT-EBING, R. (1895). *Psychopathia sexualis*. Paris: Climuts, 1990.